

GERAÇÕES, FRONTEIRAS E ITALIANIDADE NO SUL DO BRASIL

Silvio Antonio Colognese¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é sugerir a importância da noção de fronteira enquanto unidade de análise nas pesquisas sobre relações geracionais em ambientes de mobilização étnica. Para a demonstração desta importância, são utilizadas informações de pesquisas sobre associativismo étnico, encontros de parentelas e movimentos pela busca da dupla cidadania entre descendentes de italianos no Sul do Brasil.

PALAVRAS – CHAVE: gerações; fronteiras; italianidade; unidade de análise.

ABSTRACT: The aim of this paper is to suggest the importance to boundary as a unit of analysis in research on generational relations in environments ethnic mobilization. For the demonstration of this importance, we use information from research on ethnic associations, gatherings and movements of kingroups the quest for dual citizenship from descendants of italians in southern Brazil.

KEY-WORDS: generations; borders; italian; unit of analysis.

INTRODUÇÃO

A temática das gerações não é recente na análise sociológica. Em sua trajetória, a importância relativa enquanto objeto de pesquisa tem sido descontinua. Na atualidade o conceito de gerações assume nova centralidade nas análises sociológicas, como artifício para o entendimento das mudanças sociais, em suas imbricações com recortes de classe, gênero, idade, étnica, racial e cultural.

De maneira geral em Sociologia a geração se refere à determinada duração comum, na qual o tempo individual e o tempo social se fundem. Enquanto formulação teórica a obra de Mannheim (1928) permanece como uma das principais inspirações para o equacionamento da problemática geracional na Sociologia. Mais especificamente, para este trabalho, assumimos preliminarmente que geração “designa um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, tem aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência” (BRITTO da MOTTA, 2004, p.350). Isto significa que em cada momento do tempo histórico existe a presença simultânea de várias gerações que, mesmo vivendo contemporaneamente, são diferentes em suas experiências e trajetórias de vida. Mas cada geração não vive isoladamente a sua identidade. “Uma geração não se define isoladamente: é na interação com outras gerações que cada uma delas delinea sua identidade e contribui para a produção das outras” (DOMINGUES, 2002, p.75).

Tradicionalmente as controvérsias em torno das gerações se organizam a partir de algumas questões principais: “se as gerações constituem grupos objetivamente ou necessitam para isso de certa consciência geracional; se as relações geracionais são essencialmente conflitantes e marcadas pela ruptura ou consensuais e marcadas pela continuidade” (DOMINGUEZ, 2000, p.1). Ou ainda, “quando uma geração termina e quando outra geração começa?” (BRITTO da MOTTA, 2004, p.349). As respostas a estas interrogações têm sido variadas, dependendo de fatores como às tradições das áreas de abordagem científica e das perspectivas teóricas assumidas.

Particularmente na área da Sociologia, os estudos mais recentes têm priorizado as abordagens das relações geracionais, enquanto “relações de poder” (BRITTO da MOTTA e WELLER, 2010, p.175). Esta prioridade não exclui as preocupações com a existência concreta ou não de grupos geracionais e suas posições no universo da família, de grupos de parentela ou da sociedade mais abrangente. Porém, nesta perspectiva a problemática da mudança social não é derivada das supostas características das gerações em si, mas sim do contexto de relações envolvendo diferentes arranjos geracionais. Assim, “la sucesión se produce a través de continuidades y rupturas simultáneas aun cuando em cada momento pueden predominar unas sobre otras” (DOMINGUEZ, 2000, p.2).

Em termos metodológicos, esta perspectiva implica em deslocar a unidade de análise dos supostos grupos geracionais para as suas fronteiras. Com isso a noção de fronteira assume centralidade enquanto unidade de análise nas pesquisas sobre a problemática geracional. “As fronteiras que separam as gerações não são claramente definidas, não podem deixar de ser ambíguas e atravessadas e, definitivamente não podem ser ignoradas” (BAUMANN apud FEIXA e LECCARDI, 2010, p.186).

O objetivo deste trabalho é sugerir a importância da noção de fronteira enquanto unidade de análise nas pesquisas sobre relações geracionais em ambientes de mobilização étnica. Para a demonstração desta importância, são utilizadas informações de pesquisas sobre associativismo étnico, encontros de parentelas e movimentos pela busca da dupla cidadania entre descendentes de italianos no Sul do Brasil.

A NOÇÃO DE FRONTEIRA E SUAS COMPLEXIDADES

A noção de fronteira compreende um diversificado espectro teórico-conceitual, sendo utilizada em várias disciplinas e na abordagem de diferentes objetos. Este seu caráter interdisciplinar impõe a necessidade de especificar o tratamento a ser privilegiado em cada caso. Neste trabalho enfocamos a fronteira na perspectiva das Ciências Sociais. Nesta área a “noção de fronteira pode ser considerada clássica”, remontando aos pensadores dos séculos XVII e XVIII, em suas preocupações pelos “fenômenos humanos, seus limites e diferenças” (SILVEIRA, 2005, p.18). Particularmente “na Antropologia o desafio é abordar a fronteira em suas implicações simbólicas, identitárias e culturais” (FAULHABER, 2001, p.106), sem esquecer a dimensão do conflito que as perpassa. Em nosso caso, interessa pensar as fronteiras geracionais como unidade de análise privilegiada nos estudos sobre italianidade.

Etimologicamente a palavra fronteira indica os limites de um território, as suas margens. Esta visão da fronteira é relativa, uma vez que privilegia um centro, do qual as fronteiras seriam as suas bordas. Mas as fronteiras sempre são contraditórias, na medida em que ao marcarem as bordas, pressupõe a existência de outros em relação aos quais um centro pretende se diferenciar e estabelecer limites. Ou seja, limites sempre são relativos ao diferente, ao outro. Assim, o sentido de limite traduzido pela noção de fronteira, contraditoriamente também é condição de interação, na medida que sugere o contato entre diferentes (COELHO, 2011).

Em nosso caso isto sugere que, ao mesmo tempo que a fronteira demarca os limites entre gerações, também as coloca em contato, em relação. E estas relações

não são simétricas, mas marcadas por fragilidades e poder, resistência e passagens, bloqueios e rupturas, movimentos e estagnações, permissões e proibições, estigmatizações e encontros, enfim, conflito e integração. “As fronteiras sempre implicam um nível relacional, evidenciado pela interação das diferenças, sejam elas quais forem” (SILVEIRA, 2005, p.18).

Assim as fronteiras, ao demarcarem o contato de diferentes, são um *locus* privilegiado da manifestação das interações relacionais e conflitivas que as constituem. Conforme já definia Barth (1998), as identidades se constroem e reconstroem relacionalmente, umas em relação as outras. E como estas fronteiras relacionais estão em permanente movimento, às identidades que elas põem em contato nunca são estáveis e passíveis de uma definição essencialista. Por isso o seu entendimento pressupõe a sua apreensão a partir do *locus* das relações, que são as fronteiras. Sem as fronteiras, as margens, não pode existir a diferença. Isto significa que as diferenças geracionais somente podem se manifestar nas fronteiras, nas bordas que as opõem e as separam. Assim: “los grupos y las identificaciones no pueden comprenderse en si mismos, sino en relacion con otros, en un entramado de relaciones que repone una situacion de contacto, una situación de frontera” (GRIMSON, 2000, p.89).

Nestas zonas fronteiriças se constroem e se reconstroem as identidades geracionais, assim como os conflitos e as estigmatizações. Sem as fronteiras, simplesmente não existem diferenças. Por isso, as complexas relações que se estabelecem entre diferentes gerações se manifestam de maneira privilegiada nas fronteiras.

Estudiando limites podemos saber aquello que un grupo o una identificación incluyen y excluyen, así como los dispositivos a través de los cuales construyen esas diferencias, articulandolas en la mayor parte de los casos con formas de desigualdad (GRIMSON, 2000, p.89).

Analiticamente, para a apreensão das relações, as fronteiras não são focadas a partir de determinado centro. As próprias fronteiras são convertidas em centro analítico através do qual as diferentes gerações são enfocadas e analisadas. No caso das relações geracionais, o foco de análise é deslocado dos fatores internos a cada grupo geracional e sua história, para processos relativos às fronteiras geracionais. As fronteiras geracionais e não os grupos geracionais passam a constituir a unidade básica de análise.

ITALIANIDADE E GERAÇÕES

A problemática geracional tem se mostrado decisiva para o entendimento das transformações sociais que tem conduzido à recuperação da importância da questão étnica na atualidade. Como se trata de um fenômeno em efervescência em diferentes ambientes do planeta é pertinente interrogar sobre os papéis sociais das gerações nestas mudanças. Mais do que uma preocupação classificatória para definir grupos geracionais e seus papéis primordiais em relação à efervescência étnica e sua mobilização, trata-se de entender as novas configurações étnicas e de parentelas que emergem a partir das relações entre diferentes segmentos dos grupos étnicos, particularmente em seus recortes geracionais. Isto implica em organizar a análise a partir do ambiente das relações e não dos grupos geracionais. E as relações se desenrolam (e se enrolam) no contexto das fronteiras geracionais, o que torna imperiosa a sua consideração como unidade privilegiada de análise nos estudos sobre grupos étnicos.

A recuperação da importância da questão étnica não é um fenômeno isolado. Ela ocorre em diferentes pontos do planeta, paralela a emergência da sociedade global. Nas palavras de Breton, “o fenômeno étnico é um dado permanente e fundamental dos nossos dias, um fenômeno essencial da sociedade global” (BRETON, sd, p.5-6). Ou ainda no dizer de Hall, “A tendência em direção à ‘homogeneização global’, pois, tem seu paralelo num poderoso *revival* da ‘etnia’(...)” (HALL, 2000, p.95). O reconhecimento das íntimas relações existentes entre estes fenômenos implica como consequência, para Ianni (1995, p.24), que o esclarecimento das questões relativas à etnicidade deva ocorrer nos horizontes dos rearranjos e tensões provocados pela emergência da sociedade global.

É claro que, teoricamente, estas relações podem assumir diferentes sentidos, desde a assimilação até a sua negação radical. Isto vai depender das estratégias que em cada contexto, diferentes grupos étnicos, em seus recortes sócio-econômicos, de gênero, trajetória e geracional, venham a assumir diante da globalização, na medida em que, enquanto atores sociais, eles não estão desprovidos de certa margem de manobra. Este caráter estratégico, na visão de Bourdieu, “não implica necessariamente em uma perfeita consciência dos objetivos buscados pelos indivíduos e tem a vantagem de dar conta dos fenômenos de eclipse ou de despertar de identidade” (CUCHE, 1999, p.198). Por isso pode-se supor provisoriamente que estas relações representam estratégias étnicas diante da globalização, que “atinge as coisas, as gentes e as idéias, bem como as sociedades e as nações, as culturas e as civilizações” (IANNI, 1995, p.21). Estratégias, a partir do “*Homo ethnicus*, talhado por uma cultura particular, que lhe dá uma bagagem não unicamente de técnicas, mas de gostos, de atitudes, de atrações e repulsões, de sentimentos, de solidariedades;” (BRETON, sd, p.151).

No entanto, é prudente supor que estas estratégias possam se diferenciar em termos geracionais no interior dos grupos étnicos e que o ambiente das suas fronteiras possam se revelar decisivos para o entendimento do fenômeno em cada situação específica.

Mesmo por que estas estratégias geracionais, através dos grupos de parentelas, dos movimentos de italianidade e de busca da dupla cidadania, implicam necessariamente a reinvenção de sua identidade e trajetória coletiva, não apenas familiar, mas também étnica. Isto porque, "A identidade se constrói, se desconstrói e se reconstrói segundo as situações" (CUCHE, 1999, p.198). Para este estudo assume-se que os grupos étnicos, em seus recortes geracionais, são coletividades cuja identidade se manifesta relacionalmente.

Nesta concepção, a identidade é uma construção, um modo de categorização classificatório utilizado pelos grupos para organizar suas trocas. As identidades resultam assim das relações dos grupos entre si, nas quais cada um utiliza determinados traços distintivos para marcar uma distinção cultural. Estes traços não são definitiva e nem totalmente determinados pelas 'raízes' etno-culturais do grupo, mas constantemente construídos, reconstruídos e mobilizados no interior das trocas sociais (COLOGNESE, 1999b, p.08).

Isto significa que as relações geracionais entre os descendentes de italianos no Sul do Brasil implicam necessariamente na questão da reinvenção da identidade, através de um processo de construção social. E nesta direção,

qualquer processo de construção de identidade étnica esta baseado em determinadas interpretações de 'origens', trajetórias e características sociais que se tornam emblemáticas para o grupo. (...) não vem ao caso a 'veracidade' factual destas 'origens' e características sociais, visto que se trata de estereótipos, culturalmente definidos e valorizados, positiva ou negativamente, em oposição a outros estereótipos (CORADINI, 1996, p.33).

Neste sentido, parece razoável supor que esta construção identitária não é homogênea, mas se desenvolve em um ambiente de relações de disputa e de conflitos entre diferentes segmentos geracionais do grupo étnico. Por isso sugere-se a fronteira geracional como unidade de análise para entender como os descendentes de italianos interpretam suas origens, trajetórias e características sociais distintivas, na definição de sua identidade étnica. É claro que estas definições ocorrem num campo de forças, no qual somente aqueles grupos geracionais que dispõem de autoridade legítima podem impor suas próprias definições de si mesmos e dos outros.

Entre os descendentes de italianos do Sul do Brasil, o interesse mais direto na questão étnica se expressa por uma série de iniciativas, no sentido da reconstrução das suas origens, trajetórias e características sociais distintivas. Para isso, os recursos utilizados têm sido a realização de encontros de parentelas (família), a criação de associações étnicas, a recuperação de objetos e utensílios pertencentes aos antepassados, a reconstrução de genealogias e histórias dos grupos familiares, o encaminhamento de processos com vistas à obtenção da cidadania italiana etc. Neste processo, os grupos de parentelas representam o reduto íntimo de reinvenção da italianidade. E neles as relações geracionais se revelam centrais para a configuração que as identidades e movimentos étnicos assumem a cada momento em diferentes ambientes. Enfim, "As fronteiras sempre implicam um nível relacional, evidenciado pela interação de diferenças, sejam elas quais forem" (SILVEIRA, 2005, p.18). No caso da problemática da italianidade, a interação de diferenças geracionais parece decisiva.

COLETIVIDADES GERACIONAIS ENTRE OS DESCENDENTES DE ITALIANOS

As gerações têm a ver com uma duração comum, na qual o tempo social e o tempo individual se fundem. Apesar da complexidade que a problemática envolve, para este estudo consideramos geração "um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, tem aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência" (BRITTO da MOTTA, 2004, p.350). Não se trata de uma definição exaustiva, mesmo por que são discutíveis as possibilidades de utilização de qualquer critério objetivo para a demarcação geracional (REIS, 2003). Trata-se de uma definição mínima, a partir da qual é possível identificar diferentes recortes geracionais no interior do grupo étnico dos descendentes de italianos. Recortes geracionais constituídos por grupos de pessoas heterogêneos, mas com afinidades geracionais.

Assim, a partir desta definição mínima é possível distinguir pelo menos quatro coletividades geracionais no grupo étnico dos descendentes de italianos. Uma primeira coletividade geracional é formada por italianos que imigraram para o Sul do Brasil no período de 1875 a 1914. Fixados em áreas rurais do Sul do Brasil pelo sistema de colonização, ocuparam territórios tidos como vazios e criaram colônias de pequenos proprietários rurais (COLOGNESE, 2004). Ocupando terras mais afastadas e montanhosas, eles se depararam com uma natureza exuberante, porém adversa. Não havia casas e nem estradas, e a mata precisava ser derrubada para viabilizar a agricultura.

Nada havia por perto. Afinal, vindos de cidades onde praticavam uma certa vida social, essas famílias viam-se de um momento ao outro sem igrejas, sem padres, sem médicos, sem intermediários que fizessem a ponte com o Governo, sem agentes consulares, sem nada (ALVIM, 1999, p.390).

Nestas condições, a construção de uma solidariedade étnica passou a ser uma condição de sobrevivência para estes imigrantes. Foi assim que, embora originários de diferentes regiões da Itália, eles se constituíram em italianos, em oposição aos não-italianos, criando os seus povoados e demarcando o seu território étnico relacionalmente.

Para os originários do vêneto, que eram a maioria, o anseio maior era a conquista da propriedade da terra, o que se tornou um sonho possível nestas colônias. Para os originários das regiões meridionais da Itália, o anseio maior era a constituição de um negócio próprio, fora da agricultura. Estes se fixaram nas sedes das colônias, onde montaram oficinas, moinhos, ferrarias, alfaiatarias e pequenos comércios. Com as altas taxas de natalidade, à realização destes anseios familiares, da conquista da terra ou de um negócio próprio, muitas vezes exigiram novas migrações e a constituição de novas colônias no Sul do Brasil.

Trata-se de uma coletividade geracional marcada pelas dificuldades na Itália, pela trajetória da imigração e que se constitui como um grupo étnico em oposição aos não-italianos. A suas experiências e valores são afirmados como os símbolos da identidade étnica dos descendentes de italianos: trabalho duro, valorização da família, forte religiosidade católica e solidariedade étnica. Para eles a experiência rural e a dos povoados se confundiam no interior de comunidades etnicamente homogêneas. As pessoas desta coletividade geracional já são falecidas.

Uma segunda coletividade geracional é constituída por descendentes de imigrantes italianos, nascidos no Brasil ou não, mas que tiveram a infância marcada pela vivência em famílias numerosas e comunidades rurais relativamente homogêneas em termos étnicos. Foram socializados no dialeto das regiões de origem dos imigrantes italianos e estudaram em escolas comunitárias. Participaram da consolidação e do processo de expansão das regiões coloniais de predomínio dos descendentes de italianos. Coletividade geracional amparada no trabalho como fator de crescimento, na família e na comunidade da capela como valores inquestionáveis, residência no meio rural e com trajetórias ascendentes em termos sócio-econômicos. É uma coletividade marcada traumáticamente pelo contexto da Segunda Guerra Mundial e o Decreto-Lei n.383, de 14.04.1938, do Presidente Getulio Vargas. Pelo decreto, as festas típicas italianas deixaram de ser realizadas, as escolas comunitárias foram nacionalizadas e o uso da língua italiana ficou

proibido em locais públicos. Após o final da Grande Guerra esta situação passou a se alterar lentamente. Mas o temor e as incertezas permaneceram entre esta coletividade geracional de descendentes de italianos, que passaram a temer o ensino do dialeto italiano e a se preocupar com a integração social dos filhos na sociedade nacional. É a coletividade geracional dos nonos e nonas, muitos dos quais já falecidos, e que servem de modelo idealizado do típico descendente de italianos.

Uma terceira coletividade geracional é formada por descendentes de italianos que tiveram contato e vivências limitadas em famílias e comunidades rurais de predomínio étnico italiano, especialmente na infância. Passaram por trajetórias migratórias para o meio urbano, onde concluíram a escolarização e passaram a viver em ambientes heterogêneos em termos étnicos. Experimentaram vivências esporádicas e ocasionais em ambientes típicos de descendência italiana, basicamente em ocasiões de visitas aos nonos e demais membros da parentela que permaneceram no meio rural e em comunidades típicas italianas. Não foram incentivados pela coletividade geracional anterior a cultivar a identidade étnica específica, motivo pelo qual muitos aprenderam rudimentos do dialeto com os nonos e não com os pais. Nas cidades vivem isoladamente o que desperta certo saudosismo em relação ao passado. É a coletividade geracional responsável pela efervescência étnica atual. São pessoas bem sucedidas, urbanizadas e que identificam o fator étnico como uma forma de valorização e prestígio social.

A quarta coletividade geracional no grupo étnico dos descendentes de italianos é representada pelas pessoas nascidas aproximadamente a partir da década de 1980 no meio urbano das cidades e que não tiveram contato com famílias e comunidades típicas de descendentes de italianos. Foram socializados em ambientes heterogêneos em termos étnicos, não conhecem o dialeto, a culinária, os cantos e a trajetória das gerações anteriores dos representantes do grupo étnico. Por este motivo não são portadores de um sentimento de pertencimento étnico e não manifestam interesse pela identidade étnica específica. Os movimentos de italianidade e efervescência étnica visam atingir esta coletividade geracional, afim de resgatar os seus vínculos étnicos.

Esta classificação mínima de coletividades geracionais não conduz automaticamente ao esclarecimento dos objetos em disputa no processo de efervescência étnica entre os descendentes de italianos. Ela busca tão somente a identificação das fronteiras geracionais, nas quais se manifestam relações e conflitos na (re) construção da identidade étnica do grupo. São estas fronteiras as unidades de análise a partir das quais é possível apreender os fenômenos de efervescência étnica em curso entre os descendentes de italianos. É o que se pretende exemplificar a seguir com dados oriundos de pesquisas sobre Associações Étnicas de Italianos, Encontros de Parentelas Italianas e Movimentos de Busca da Cidadania Italiana.

AS FRONTEIRAS GERACIONAIS COMO UNIDADE DE ANÁLISE

As unidades de análise são as realidades as quais as pesquisas se referem, indicando o que e/ou quem será investigado. Nos exemplos a seguir sugerimos as fronteiras como unidade de análise a ser privilegiada no estudo de relações geracionais no interior do grupo étnico dos descendentes de italianos. Defende-se que o foco das investigações deve recair sobre as fronteiras e não sobre as coletividades geracionais isoladamente. Vejamos os exemplos a seguir:

a. A busca da dupla cidadania entre os descendentes de italianos constitui um fenômeno relativamente recente no Brasil (final dos anos 1980 e início dos anos 1990). Em todo o Brasil, em 2008, cerca de quinhentos mil brasileiros estavam na fila de espera em consulados para o reconhecimento da cidadania italiana. Até esta mesma data, o número de brasileiros que já conseguiram o reconhecimento da cidadania italiana era de duzentas e quinze mil pessoas. Apenas no Consulado Geral da Itália, em Curitiba, a fila de espera já era de cerca de oitenta mil pessoas em 2007. Trata-se assim de um fenômeno de dimensões significativas, cuja ocorrência é motivada por diversos fatores.

O fenômeno da busca da cidadania italiana se define como um processo pelo qual cidadãos brasileiros, descendentes de imigrantes italianos, empreendem ações sociais com vistas ao reconhecimento da cidadania italiana. Como ações sociais, a elas os sujeitos associam sentidos cujos conteúdos podem ser bastante variados. Pesquisa realizada (COLOGNESE e ROSSI, 2009) revelou que a sua ocorrência não se dá de maneira homogênea entre o grupo étnico dos descendentes de italianos. Ele apresenta diferenças significativas em termos de gênero, nível sócio-econômico, escolaridade, atividade profissional, local de residência e de trajetória entre os seus protagonistas. Mas apresenta também uma sensível diversidade em termos geracionais, com implicações importantes para o entendimento do fenômeno.

Quanto às motivações dos sujeitos para a busca da cidadania italiana, o estudo revelou a existência de um conflito entre dois fatores fundamentais. Enquanto as autoridades consulares da Itália no Brasil defendem que a procura pela cidadania italiana se deve única e exclusivamente a razões e interesses econômicos, como estudar ou trabalhar na Europa, para os dirigentes de associações e instituições de descendentes de italianos no Brasil a busca da cidadania italiana estaria associada à afirmação dos sentimentos de italianidade. Este conflito entre razões econômicas e sentimentais vinculadas à busca da dupla cidadania pode ser explicado a partir da fronteira entre duas coletividades geracionais no interior do grupo étnico dos descendentes de italianos: a fronteira entre a terceira e a quarta coletividade geracional deste grupo étnico.

Assim, “para 34,5% dos entrevistados a motivação para a busca da cidadania italiana surgiu do cultivo da italianidade em família e o sentimento de italianidade foi indicado como o fator principal” (COLOGNESE e ROSSI, 2009, p.32-37). Este contingente coincide com os sujeitos da terceira coletividade geracional, situados numa faixa etária superior aos 50 anos de idade. Já para outros 48,3% dos entrevistados, a motivação decisiva para a busca da dupla cidadania foi à intenção de trabalhar ou estudar na Europa. É uma coletividade cuja faixa etária se concentra na faixa inferior aos 40 anos de idade e, portanto, representativa da quarta coletividade geracional deste grupo étnico.

Isto significa que o conflito entre motivações distintas associadas ao fenômeno da busca da cidadania italiana, está localizado nas fronteiras entre a terceira e a quarta coletividade geracional deste grupo étnico. E o seu entendimento pressupõe assumir esta fronteira como unidade de análise principal. Na fronteira entre estas coletividades geracionais se manifesta

uma grande tensão entre os dois sentidos predominantes atribuídos pelos sujeitos em relação à cidadania italiana: ora a satisfação de um desejo de realização sentimental, ora a possibilidade de uso da cidadania para a realização material e profissional (COLOGNESE e ROSSI, 2009, p.47).

Estes sentidos disputam a legitimidade e provocam conflitos e disputas nesta fronteira geracional, com repercussões para todo o grupo étnico dos descendentes de italianos.

b. A importância analítica das fronteiras geracionais também se evidencia através do fenômeno das Associações Étnicas de Italianos. As Associações Étnicas podem ser definidas como agrupamentos sociais seletivos e excludentes, situados em ambientes sociais heterogêneos etnicamente, mas que buscam agregar pessoas que compartilham uma mesma identidade étnica. São entidades com estatuto e personalidade jurídica próprias, de caráter voluntário e sem finalidades lucrativas. Sua origem e difusão ocorrem notadamente durante a década de 1990 em diversos países onde existe a presença de descendentes de italianos. Estas Associações Étnicas de Italianos foram objeto de pesquisa, cujos principais resultados estão retratados em Colognese (2004).

Estas Associações são seletivas no interior do grupo étnico e reúnem grupos restritos de descendentes de italianos. Esta seletividade tem como uma das características marcantes o recorte geracional. Mais de 80% das lideranças e associados a estas entidades situam-se na faixa etária superior aos 40 anos de idade, dos quais cerca de 60% na faixa superior aos 50 anos de idade. São pessoas que viveram as suas infâncias em comunidades rurais com forte homogeneidade étnica italiana e experimentaram trajetórias posteriores de migração para o meio

urbano das cidades e ascendentes em termos sócio-econômicos. "Além de residirem no meio urbano, em sua grande maioria eles são donos dos próprios negócios ou atuam como profissionais liberais e funcionários públicos" (COLOGNESE, 2004, p.121).

Fazem parte da terceira coletividade geracional dos descendentes de italianos. Para eles, as Associações funcionam como um refúgio étnico para a convivência e a afirmação da identidade específica enquanto descendentes de italianos. Mas também são entidades que tem objetivos de atuação claros em relação à quarta coletividade geracional. As suas ações partem de uma constatação até certo ponto dramática:

as novas gerações não estão assimilando as características distintivas da etnia. (...) os mais jovens desconhecem a trajetória migratória e de sofrimentos realizada pelos antepassados, e não estão assimilando a língua, os costumes e os valores distintivos da etnia (...). Nesta perspectiva, as associações étnicas buscariam cumprir também um papel de ação coletiva, cuja direção estaria voltada para o interior do próprio grupo étnico, notadamente para as gerações mais jovens (COLOGNESE, 2004, p.124-125).

Estas ações a partir da terceira coletividade geracional encontram resistência entre os membros da quarta coletividade geracional e são motivos de conflitos nas suas fronteiras. Estes conflitos se expressam pela resistência da quarta coletividade as ações empreendidas pela terceira coletividade geracional, através das Associações Étnicas de Italianos. A resultante é que "elas não conseguem atrair nem atingir os mais jovens, que são os alvos mais visados em suas ações" (COLOGNESE, 2004, p.125). As Associações empreendem ações na tentativa de inculcar na quarta coletividade geracional valores e práticas consideradas essenciais a sobrevivência do grupo étnico. Esta última coletividade por sua vez, resiste a esta tentativa, afirmando novas práticas e conteúdos na construção da sua identidade. Enquanto para a terceira coletividade geracional, organizada em Associações Étnicas, os costumes e valores culturais do passado são motivos de orgulho, para a quarta coletividade geracional estes são motivos de vergonha e um sinal de atraso cultural. É nesta fronteira geracional que se expressam estas disputas e conflitos e é através dela que é possível o seu entendimento.

Por outro lado, o fenômeno do associativismo étnico também evidencia a ocorrência de conflitos na fronteira geracional entre a terceira e a segunda coletividade geracional. Estes conflitos se manifestam na seletividade dos fatores definidores da identidade do grupo étnico. Assim, por exemplo, mesmo a blasfêmia sendo hábito arraigado na cultura do grupo étnico, os membros da terceira coletividade geracional a consideram deplorável e sinônimo de falta de cultura: "a

blasfêmia é considerada um péssimo hábito, ligado mais ao 'italiano mais brutão, o italiano mais chucro', aquele menos lapidado, digamos assim. Agora nós, muito da nossa geração (...) já se lapidou bastante para o mundo" (COLOGNESE, 2004, p.154). Nesta mesma direção, as Associações Étnicas acentuam como um dos seus objetivos o ensino da língua italiana oficial e não os dialetos italianos dos antepassados.

Este objetivo de promoção da língua italiana oficial pode ser entendido como um esforço no sentido de 'depurar' a cultura desse grupo étnico de certos aspectos considerados 'ultrapassados' e, portanto, valorizados negativamente por estes descendentes de italianos. Talvez por isso as associações também se propõem realizar finalidades como introduzir formas de cultura italiana atual (COLOGNESE, 2004, p.114).

Estes exemplos evidenciam uma disputa geracional no interior do grupo étnico dos descendentes de italianos cujo objeto é a sua identidade específica. A sua manifestação na fronteira entre a segunda e a terceira coletividade geracional reforça a importância de localizar a análise a partir deste *lôcus* privilegiado.

c. A importância analítica das fronteiras geracionais se evidencia ainda através do fenômeno dos encontros de parentelas italianas. Estes encontros são eventos de curta duração, que envolvem a reunião de indivíduos originários de núcleos familiares e regiões variadas, que mantém entre si laços de parentesco em sentido estrito, ou seja, parentesco de laços de sangue ou de consangüinidade. São realizados com uma periodicidade média de "dois anos e tem uma duração de um a dois dias, reunindo até mais de 1.200 indivíduos em cada encontro" (COLOGNESE e ROSSI, 2007, p.25-26). É um fenômeno de dimensões significativas e com implicações importantes em termos da identidade étnica dos descendentes de italianos.

Isto por que o fenômeno não atinge todo o grupo étnico e, entre as parentelas envolvidas, há uma seletividade significativa em termos sócio-econômicos, local de residência, atividade profissional e geracional. Em termos geracionais, os organizadores e participantes destes encontros fazem parte da terceira coletividade geracional entre os descendentes de italianos. São pessoas com mais de quarenta e cinco anos de idade e residentes nas cidades. Tiveram

experiências de residência no meio rural, especialmente na infância. São sujeitos 'urbanizados', ou seja, que passaram por uma trajetória de mudança de local de domicílio (e de ocupação profissional) do meio rural para o meio urbano das cidades. Esta característica é marcante não apenas entre os líderes, mas abrange também a maioria dos participantes dos encontros de famílias italianas. (...) São eles os principais responsáveis pela atribuição das

características consideradas 'de origem' deste grupo étnico em geral e da parentela em particular (COLOGNESE E ROSSI, 2007, p.48-49).

No entanto, a ocorrência deste fenômeno esta orientada também como uma ação a partir desta terceira coletividade geracional sobre a quarta coletividade geracional, com objetivos de socialização e construção de marcas identitárias típicas enquanto grupo étnico e de parentela. No entanto a quarta coletividade geracional manifesta resistência nesta fronteira. Assim,

Poucos são os jovens que participam destes eventos. (...) Eles nunca chegaram a comparecer em grande número aos encontros (...). Esta situação é uma das principais preocupações dos organizadores dos encontros de parentelas. (...) ou os participantes são adultos e idosos, ou são crianças. Existe um vácuo na participação dos jovens (notadamente entre os 15 aos 30 anos de idade). (...). A participação das crianças se justifica mais pela vontade dos adultos, do que por uma opção própria. Tanto que à medida que estas mesmas crianças vão ingressando na adolescência, em quase a sua totalidade elas deixam de participar dos encontros de parentelas (COLOGNESE E ROSSI, 2007, p.62-63).

Este fenômeno evidencia uma vez mais que a construção da identidade étnica e de parentela não é isenta de conflitos geracionais. Os encontros de parentelas italianas são atravessados por intensos conflitos e disputas na fronteira entre a terceira e a quarta coletividade geracional dos descendentes de italianos. Nos encontros de parentelas, as identidades são forjadas a partir de uma parcela de atores que ocupam posições geracionais específicas, mas com pretensões de validade para todos os membros do grupo. "Assim, os grupos de parentela aparecem como protagonistas de uma identidade que não é a de todos, mas que é pensada e divulgada como se fosse" (COLOGNESE E ROSSI, 2007, p.48). Por isso os grupos de parentela experimentam conflitos nesta fronteira geracional, que se expressam pela resistência dos membros da quarta coletividade geracional e as críticas e ações a partir da terceira coletividade geracional. Por isso a apreensão deste fenômeno exige situar a análise a partir desta fronteira geracional.

Portanto, as fronteiras constituem a unidade de análise básica para o entendimento dos fenômenos geracionais no interior de grupos étnicos. É claro que cada grupo étnico estabelece fronteiras com outros agrupamentos étnicos, cuja análise é decisiva para o entendimento da sua identidade. Em nosso caso, focalizamos as relações geracionais que se estabelecem no interior dos grupos étnicos e que são constitutivas de fronteiras geracionais igualmente decisivas para o seu entendimento.

NOTAS

¹ Doutor em Sociologia pela UFRGS, Coordenador do Mestrado em Ciências Sociais e Professor Associado da Unioeste/Campus de Toledo. E-mail:

silviocolognese@ibest.com.br

REFERÊNCIAS

ALVIN, Z.M.F. O Brasil Italiano. In: FAUSTO, B. (org). **Fazer a América**. São Paulo: Edusp, 1999.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. e STRIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

BRETON, R. (sd). **As etnias**. Porto, Rés-Editora, sd.

BRITTO DA MOTTA, A. Gênero, idades e gerações (Introdução). In: **Cadernos CRH**, Salvador, v.7, n.42, p.349-355, set/dez.2004.

BRITTO DA MOTTA, A. e WELLER, W. Apresentação: A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. In: **Revista Sociedade e Estado**, volume 25, numero 2, Brasília, maio/agosto 2010.

COELHO, K.N.de B. **Intervenções urbanas de fronteira**: o caso de Uruguaiana (RS) e Paso de los Libres (AR). Porto Alegre, 2011.

COLOGNESE, S.A. **Associações étnicas de italianos**: identidade e globalização. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

COLOGNESE, S.A. A dinâmica das identidades. In: **Revista Tempo da Ciência**. Unioeste/Toledo, volume 6, número 12, 1999. (ISSN 1414-3089).

COLOGNESE, S.A. e ROSSI, D. **Os encontros de parentelas italianas**. Cascavel: Coluna do Saber, 2007.

COLOGNESE, S.A. e ROSSI, D. **Cidadania Italiana**: motivações e expectativas. Porto Alegre: Escritos Editora, 2009.

CORADINI, O.L. Os significados da noção de 'italianos'. In: MAESTRI, M. (coord). **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

DOMINGUES, J.M. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. In: **Tempo Social: Rev.Sociol.USP**, São Paulo, 14(1), p.67-89, maio de 2002.

DOMINGUEZ, M.I. Generaciones y mentalidades: existe una conciencia generacional entre los jovenes cubanos? In: MONEREO, M; RIERA, M; VALDÉS, J.(comp). **Cuba**: construyendo futuro. El Viejo Topo, España, 2000.

FAULHABER, P. A fronteira na antropologia social: as diferentes faces de um problema. In: **BIB**, São Paulo, n.51, 1 semestre de 2001, p.105-126.

FEIXA, C. e LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. In: **Revista Sociedade e Estado**. Volume 25, número 2, Brasília, maio/agosto, 2010.

GRIMSON, A. **Fronteras, naciones y región**. Fórum Social das Américas, Quito, Equador, 25 a 30 de julho de 2004.

GRIMSON, A. Fronteras, estados e identificaciones en el Cono Sur. In: GRIMSON, A.(comp.). **Fronteras, naciones e identidades**. Buenos Aires: CICCUS, 2000.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

IANNI, O. Globalização: novo paradigma das Ciências Sociais. In: **Cadernos de Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia**, Porto Alegre: UFRGS, Número Especial, 1995.

MANNHEIM, K. El problema de las generaciones. Trad. Ignacio Sánchez de La Yncera, **Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)**, n.62, p.193-242.

REIS, E.dos. Juventude, intelectualidade e política: a ativação do 'legado' de André Forster e a consagração de uma geração. In: **Sociologias**. Porto Alegre: ano 5, número 10, jul/dez 2003, p.380-411.

SILVEIRA, F.L.A.da. As complexidades da noção de fronteira, algumas reflexões. In: **Caderno Pós Ciências Sociais**, São Luis, v.2, n.3, jan/jun.2005.

Artigo recebido para publicação em 01 de julho de 2011.